

O MARISCO



ISSN 2446-8843 Ano XVIII N°244

*É no embalo da Praia
que eu vou...*

Valeu Marcelo Maresia



O MARISCO

Ano XVIII - Edição Nº 244
01 de Abril de 2021 - I de outono
ISSN 2446-8843

O Marisco é uma ferramenta de eco comunicação
comunitária da Casa da Cultura do Litoral

CNPJ: 03.671.776/0001-21

Inscrição Municipal Nº008/06 - Inscrição Estadual Isento

Associação de Utilidade Pública - Lei Nº1517/2007

Rua Caubi da Silveira, 286 - Casa da Mansarda
Cidreira - CEP: 95.595-000 - RS - Brasil

Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores

Assinatura gratuita para associados e simpatizantes

Editor / Projeto Gráfico / Arte

Ivan Therra

Projeto Pedagógico

Lizzi Barbosa

Colunistas

Lizzi Barbosa

Wilson Menezes

Helena Weber

Maiara Amaral

Fotografias (nesta edição)

Lizzi Barbosa

Jas Vasconcelos

Carol Fontoura

Pedro Gonçalves

Carmen Bürgel

Rafael Rocha

 www.omarisco.com.br



jornalomarisco@gmail.com

 [facebook /jornalomarisco](https://www.facebook.com/jornalomarisco)



[YouTube /jornalomarisco](https://www.youtube.com/jornalomarisco)



[/jornalomarisco](https://twitter.com/jornalomarisco)

 51.99981.5593

EDITORIAL

Valeu Maresia...

Lembro bem da Dona Alba trazendo uma bacia cheia de pipoca quentinha e duas xícaras de café, uma pra mim e outra pro Marcelo, pois o Daniel não tomava café naquela época.

Passávamos as tardes no alpendre da "Divinéia", nome que eles deram para a casinha de madeira, guardada pelas dunas e próximo ao mar do Pinhal, onde moravam. A Paty, já não estava mais morando com os pais, tinha assumido como diretora de escola pública, para orgulho total da Dona Alba.

Seu Antônio é um capítulo à parte neste lindo romance de beira de praia. Jamais esquecerei do Seu Antônio dizendo: "O Ivan vem pra cá fazer lavagem cerebral nos guris, com essa história de cultura praieira, música da praia". E dávamos boas risadas. Seu Antônio era um gênio criativo, sempre buscando soluções para as mais variadas situações que o cotidiano apresentava e outras que ele mesmo criava.

Penso que seja este DNA criativo seja o grande legado da família. Todos e todas são muito criativo. Mas os guris, com quem tive maior contato, são de uma criatividade incrível. Tanto o Daniel quanto o Marcelo, são sem dúvida, muito criativos e talentosos.

É diante do potencial desses dois, que eu ficava trocando ideias, criando artes, fazendo cultura, descobrindo conceitos, no alpendre da Divinéia. E acima de tudo conhecendo vivências que vieram a solidificar a construção do pensamento da cultura popular da região praieira gaúcha.

Criamos música, letras, melodias, e muitas histórias praieiras. A cada chegada era uma letra nova que surgia, uma melodia e uma levada mais caprichosa no violão. O Marcelo já começava a apresentar as suas criações e chamar a atenção do meio cultural para a qualidade do seu trabalho.

Foi então que ele disse: "Bah Ivan! Preciso me apresentar com um nome artístico". Naquele momento eu pensei que pela proposta inovadora e potente que ele estava entregando precisava de um nome que incluísse todo o universo praieiro, assim me veio na cabeça o nome: Marcelo Maresia. Pronto! Fizemos o batizado ali mesmo! Saiu do alpendre da Divinéia para o brilho dos palcos o artista Marcelo Maresia.

Valeu Marcelo Maresia.



ESCRITÓRIO
CONTÁBIL

 51.3681.3195



Av. Fausto Borba Prates, 4763
email: elzosl@gmail.com



Livros Cristãos Grátis faça o seu pedido
impressos e-books ou audio books

www.bjnewlife.org

A chave do seu imóvel



98407-5300





Tarrafadas



Tá na Rede!



Marcelo Maresia e seu irmão Daniel Maíba formavam uma das principais duplas de autores do movimento cultural da música praieira gaúcha.



Marcelo Maresia é o vencedor do Festival Mulher em Canto de Porto Alegre com a composição “Luta de Penha” com interpretação de Jessilena Etcheverry



Marcelo Maresia Lançou o CD autoral Flor Amarela, onde apresenta todo o seu poder criativo contribuindo para o desenvolvimento da Música da Praia!



Marcelo Maresia é autor de músicas de sucesso como: O Filho de Boto e Noite de Reis da Areia com as quais foi premiado nos festivais do Estado do RS.



Rasgou a Rede!



Marcelo Maresia não viu garantido o seu direito de fazer arte e estava trabalhando de fiscal da prefeitura, mesmo sendo do grupo de risco, se viu obrigado a se expor. Foi contaminado e veio a falecer.



É o fim do mundo os artistas terem que se expor em outros ofícios que não os seus para poderem botar comida em casa. Artista tem que ter garantido o seu direito de fazer arte.



Pouco adianta homenagens e cortejos para o artista depois que ele morreu. Deviam ter feito tudo isso quando ele estava vivo e representava o município nos palcos do Estado, sem receber qualquer apoio.



Artista faz arte! Artista faz cultura! Artistas tem o direito de fazer Arte e Cultura!





Sinta-se bem, sinta-se em casa.

tele entrega
3681.1725

O MARISCO

Av. Mostardeiro, 3404

Papo de Marisqueira

com **Lizzi Barbosa**

Professora Pedagoga Mestra em Educação



É NO EMBALO DA PRAIA QUE EU VOU...

entendem como é dolorido ver um irmão de arte perder a vida em circunstâncias tão distantes do fazer artístico. Acredito que só artistas compreendem isso, de verdade.

Artista quer viver de arte, da sua arte. Quer cantar, dançar, escrever, tocar. Quer ser valorizado e pago por seu trabalho de tornar a vida menos cinza.

Porque é isso que um artista faz, torna a vida colorida, e mais do que nunca estamos vendo e vivendo isso. Estamos consumindo arte para suportar a dor da pandemia, a solidão do isolamento, para dar leveza à dureza da vida.

Ainda assim, não enxergamos o artista a frente desse nosso conforto.

Hoje, é a vida da arte que está dolorida, acinzentada, mergulhada mais uma vez no pesar de perder um artista. Sabemos que a arte curandeira, vai tingir de vida nossas vidas de novo, a arte é eterna. Mas a perda será também, eternamente, irreparável.

Salve Maresia, salve poeta. Aqui, estamos presentes.

No embalo da praia seguimos cantando tua arte e tuas sabenças, saudosos. Certos de que cada vez que as flores amarelas surgirem nas dunas, a maresia e o vento mandadeiro vão nos mostrar que tua arte permanece viva... Se foi o cantador de histórias de amor.

No embalo da praia, ele foi cantando e batendo tambor...

Muitos anos de parceria, debates, produções, discordâncias, apoio mútuo... quase 50 anos de vida, uma vida inteira dedicada a arte e a música. Muitas canções embalarão nossas vivências. E nesse embalo de marés boas e ruins, a pior delas levou o Maresia. E ele foi, sem volta. Inacreditável. Estúpido. Violento. Uma ressaca bravia arrastou artistas de muitos cantos desse litoral e do nosso estado para uma tristeza profunda.

O repuxo só não levou as preocupações íntimas e recorrentes que perduram em toda a vida dos artistas: como viver de arte num mundo que não valoriza e não respeita os artistas como trabalhadores. Poucos



**Agropecuária
União**

TELE
3681.5955

Av. Fausto Borba Prates, 2744



Linkup
Telecomunicações





UM MAR DE DANÇAS

Para nós do Ponto de Cultura Flor da Areia e do Boizinho da Praia foi uma alegria muito grande ser convidado a participar deste projeto tão bonito que reúne danças e dançantes da nossa região praieira gaúcha. Num dia bonito, nos encontramos com a produção para filmar a nossa dança, a nossa cantoria e os nossos tambores praieiros. Éramos nós na beira, um mar maravilhoso e um pessoal muito atencioso e competente para nos ajudar a registrar com a máxima qualidade, o auto folclórico original da região praieira gaúcha. Um excelente momento. Agora estamos na expectativa da estreia do documentário. Muito lindo tudo isso. Nos contou o Mestre Ivan Therra da Casa da Cultura do Litoral. “UM MAR DE DANÇAS” – cartografias do litoral norte, começa uma iniciativa inédita: a produção de um documentário sobre as manifestações de dança no litoral norte gaúcho. O documentário foi contemplado no Edital Sedac nº 09/2020 com recursos da Lei Aldir Blanc. Além de identificar a diversidade cultural dos artistas e coletivos da dança na região, a iniciativa se propõe a incrementar a cadeia produtiva da dança gerando oportunidade de trabalho para profissionais locais e ainda articulando uma rede de agentes culturais. A idealização do projeto é do NIDI (Núcleo Imagem e Dança de Imbé) que é resultado da parceria do Estúdio de Dança Tati Missel e do coletivo Pomar Poético idealizado pelo artista Marcelo Cabrera (Porto Alegre/ Imbé) . O Projeto tem produção de Jane Carvalho/ RRPP Eventos.

good! Hi!

TALK LEARN

TURMAS
MANHÃ OU TARDE
2h por semana.

EM CIDREIRA!

With Teacher Vanusa

(51) 99853.9688

EDITAL DE LEILÃO DA JUSTIÇA ESTADUAL ON-LINE / INTIMAÇÃO
IMÓVEL EM CIDREIRA - CASA 01, DO COND. DAS HORTÊNCIAS

1ª DATA: 14 de ABRIL DE 2021, às 14h30min
2ª DATA: 28 de ABRIL DE 2021, às 14h30min

Para participar, cadastre-se no site:
www.pietosoleiloes.lel.br (até 24h antes do Leilão. Acesse também pelo aplicativo para IOS e Android. Informações: (51)3247-1035 / 99909 - 8624.
Email: contato@pietosoleiloes.lel.br

Carmen Gomes Pietoso, Leiloeira Pública Oficial, matr. 075/89 na JUCISRS, devidamente autorizado pelo Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da 5ª Vara da Fazenda Pública do Foro Central - Comarca de Porto Alegre/RS, levará a público leilão, nos dias e horários supra, o seguinte imóvel: CASA 01, DO CONDOMÍNIO DAS HORTÊNCIAS, construída em alvenaria com área privativa de 75,45m² e área de uso privativo descoberta de 23,55m², área real total de 99,00m² e fração territorial de 26,400%, situada no pavimento térreo numa parte do terreno que se encontra, no alinhamento da Rua 15-F, ao sul, onde mede 6,60m de frente, com igual medida nos fundos, ao norte, na divisa com parte do lote nº 02, medindo 15,00m de frente a fundos por ambos os lados, dividindo-se por um lado, ao leste, com o lote nº 14, e por outro lado, a oeste, com as casas nº 2 e nº 3; no pavimento térreo encontram-se os seguintes compartimentos com respectivas áreas: estar e cozinha (23,49m²) e WC (2,60m²), dormitórios (15,75m² e 9,46m²), área (4,35m²) e dispensa (2,35m²). Dito imóvel está assentado sobre o terreno urbano, situado na Praia da Cidreira - Extensão Zona F, neste Município, constituído do lote nº 01 da quadra 75-F, medindo 15,00m de frente, ao oeste, no alinhamento da Avenida Nordeste 1-F, tendo nos fundos, ao leste, a mesma largura da frente, onde entesta com o lote nº 14, por 25,00m de extensão da frente aos fundos, por ambos os lados, perfazendo a área superficial de 375,00m², dividindo-se por um lado, ao norte, com o lote nº 02, e pelo outro lado, ao sul, com a Rua 15-F, onde forma esquina. Quarteirão formado pelas ruas 2-F, 15-F, Avenida 15-F e Avenida Nordeste 1-F. Matrícula nº 021053 do Registro de Imóveis de Cidreira Comarca de Tramandaí/RS. Em contato com a Prefeitura de Cidreira/RS, esta informou que o imóvel em referência está localizado na Avenida Manoel Braz de Lima, ao lado da casa 02, sob o número 3316, Salinas. Avaliação: R\$ 140.000,00 (cento e quarenta mil reais). Proc.: 001/1.07.0239302-2, Estado do RS x Cláudio Luiz Vieira e Luiz Carlos Orrigo da Cunha. Ficam desde já intimados, através do presente edital, os executados, coproprietários, cônjuges, herdeiros, usufrutuários, enfiteuta, credores, promitentes compradores/vendedores, União, Estado e Município, no caso de bem tombado, depositários e outros possíveis interessados, caso não sejam localizados para cientificação pessoal. Arrematação livre de ônus conforme art. 908, § 1º do NCPC. A comissão do Leiloeiro é 10% sobre o valor do arremate. Formas de Pgto.: À vista, na forma do Art. 892 do NCPC ou parcelado, na forma do Art. 895 do NCPC. O bem será arrematado no estado em que se encontra. Para a participação na modalidade ONLINE, o interessado deverá se cadastrar até 24hs antes do Leilão para ser habilitado previamente, restando ciente de que a habilitação o sujeita integralmente às Condições de Venda e de Pgto. dispostas no Regulamento. **Inf.: (51) 3249-8624, 3247-1035 ou 99909-8624.**

VOLTA AS AULAS

CONCURSO CHALLENGE DE VOLTA AS AULAS

1º Lugar = Um Vale compras no Valor de R\$ 100,00 aqui na Multistore.

Leia as Regras abaixo e embarque nessa com a gente!

O Cotidiano

por Wilson Freitas



Lá pelo final dos anos 60, Cidreira ainda era apenas um distrito do município de Tramandaí. A RS 040 não era asfaltada e assim qualquer vivente vindo de Porto Alegre comia poeira desde Viamão até chegar aqui na praia. Havia muitos alambiques na beira da estrada e claro que cada um deles tinha algo a oferecer a mais que os outros, como modo de atrair a freguesia, que na maioria das vezes, eram aquelas pessoas que estavam em viagem para praia. Na altura do Rancho Velho tinha um alambique que era da preferência de meu pai. Estou falando do alambique do seu Juca, que era sempre muito cordial e tornou-se parada obrigatória. Lembro-me de um dia, na baixa temporada, o meu pai me convidou para vir até a praia para acertar uns concertos na nossa casa, a Vila Maricleia. Como sempre, paramos no alambique do seu Juca para comprar salame, queijo e pão caseiro, para consumir nos dias que ficávamos por aqui. É justo informar que naqueles tempos, em Cidreira, moravam poucas pessoas e o armazém Natal na esquina da Rua João Neves com a Getúlio Vargas era praticamente o único estabelecimento comercial de Cidreira. No armazém Natal podia-se comprar desde alfinete até hélice de avião, passando por panelas, pinicos, roupas, calçados, arroz, feijão, fumo em rolo, cano de fogão a lenha, bomba de água manual, fósforos, velas, lampiões, pás, martelos, parafusos enfim tudo que era usual naquele tempo. Mas o que nunca esqueci foi que nessa vinda, ao pararmos lá no seu Juca, o bolicho que ficava junto ao alambique estava movimentado, causo que era sexta feira, final de tarde e tive a impressão que todos viventes resolveram se reunir por lá. Estávamos aguardando o atendimento quando entrou um sujeito grande de altura e largura. Ele vestia uma bombacha surrada e uma camiseta sebosa pelo uso. Posicionou-se bem na ponta do balcão no mesmo instante que na outra ponta do balcão um baixinho com cara de fuinha fazia o mesmo. Parecia cena de filme de faroeste. Entre eles além de nós uma quantidade grande de pessoas também aguardavam seu atendimento. Foi quando o grandão deu um soco

no balcão que causou quase um terremoto e disse com uma voz forte: “O Juca me serve uma cerveja senão!” O seu Juca fez uma cara que não gostou, mas parou tudo e serviu a cerveja para o sujeito como que dizendo “não quero me incomodar”. Não é que da outra ponta do balcão veio uma voz esganiçada pedindo uma cerveja também. Seu Juca continuou atendendo os demais quando estava quase chegando à vez de atender o baixinho de voz chata, outro soco estremecia tudo e o grandão disse: “Juca me dá mais uma cerveja senão!” Lá foi seu Juca atender o grandão e voltou atendendo aquele mar de gente, da outra ponta o baixinho cara de fuinha pedia a sua cerveja. Eu e meu pai ficamos ali pacientemente aguardando atendimento e vimos o grandão dar uma dúzia de bordoadas no balcão e berrando por mais uma ceva senão! Também da outra ponta do balcão o baixinho irritava mais com sua voz fina de taquara rachada pedindo sua cerveja. O grandão tomou umas dez cervejas num gole só e deixando um dinheiro sobre o balcão deu as costas e foi embora. Seu Juca então começou a nos atender e comentou que o grandão sempre chegava e fazia a mesma coisa, mas pagava até a mais e nem esperava o troco. E para evitar confusão ele sempre atendia o sujeito. Nesse momento da outra ponta do balcão, aproveitando que o grandão foi embora, aquela vozinha irritante berra: “O Juca! Serve-me minha cerveja senão!” Seu Juca que nessa altura dos acontecimentos estava de saco mais do que cheio, foi até o baixinho e fuzilando o vivente com um olhar furioso e irritado disse: “Senão o que seu bosta!” O baixinho mais que humildemente baixou a crista e disse: “Senão eu peço um guaraná seu Juca.” Eu que naquela época já era mais criança não resisti à cena e sai de fininho segurando o riso até chegar ao nosso carro. Quando eu e meu pai pegamos novamente a estrada, por vezes nós tínhamos ataques de riso que duraram até chegarmos aqui em Cidreira e volta e meia vinha à lembrança do baixinho que se quebrou tentando bancar o valentão. Sou o marisqueiro Wilson Freitas e espero reencontrar todos na próxima edição.



SEGURANÇA 24 HORAS

CENTRAL DE ALARMES

99869.0480

99802.4369

centraldealarmes24hs@terra.com.br

Rua Borges de Medeiros, 763 - Centro

Bianca Luz
acesoria financeira e imobiliária
documentos, empréstimos consignados

9950.58036

Rua Jorge Moisés Gil 3058 sala 3 / Ao lado do Cartório

A tal da abóbora paulista nas terras do litoral gaúcho



Ouvi muitas bocas comentando sobre a dificuldade de plantar na praia... “em terra de areia não nasce nada”, “tem muito sal na terra”, e por aí vai... mas isso não é verdade: com carinho e cuidado com a terra, o que se planta, cresce. A agricultura por aqui é forte, muitos dos que aqui vivem, seja na zona rural ou urbana de Cidreira tem essa atividade como algo familiar. Plantar é herança de família, o conhecimento sobre frutas e plantas é enraizado e perpetuado através das conversas e dos ensinamentos dos mais velhos. Conhecer e plantar, lógica tão potente. A horta no quintal de casa, com temperos, chás, arbustos e árvore de fruta, aquela relação que nasce da tranquilidade, com a brisa que vem do mar e nos inspira, nos estimula e se espraia.

O temperinho verde pra comida, o chá de capim cidreira ou macela pro chimarrão, a terra adubada e o pé descalço... Por onde quer que se ande nas nossas bandas, é comum a relação do homem com seu cantinho verde, tem sabedoria ancestral e sabor pra todos os lados.

Esses dias soube, através de uma amiga, que uma outra vizinha tinha abóbora paulista orgânica aos montes plantadas no pátio de casa, estava vendendo pra dar conta do consumo e fazer uns trocos durante a pandemia. Plantou, nasceu. E foram muitas. Enormes! Confesso que não conhecia muito essa variedade, prefiro a cabotiá, porém quando soube, quis experimentar, me aventurar. Ela esteve presente na nossa Cesta Orgânica, já descascada, congelada e pronta pra consumo, alaranjada, linda, firme. Se comparada às demais abóboras e morangas não fica tão cremosa, é mais fibrosa e pede um cozimento a mais, ou um preparo diversificado que entenda e respeite a sua dinâmica: bolos, sopas, caldos...

Desbravei uma receita de pão integral com o purê da abóbora paulista, que fiz de várias maneiras e formatos: Purê amassado no garfo, no liquidificador. Água morna, água fria. Incorporado antes, incorporado depois. Pão baguete e vários pãezinhos. O resultado final fica bom. Pão suave, leve, colorido.

Segue a receita que fiz várias vezes por aqui, pra comer com manteiga, cebola agridoce, geléia e me mantenho instigada: combina com mais o quê? É uma delícia!

Pão de abóbora integral. Precisa de quê?

1 xícara farinha trigo branca / 1 xícara farinha trigo integral / 100g purê de abóbora / ½ xícara óleo / 1 xícara água / 1 e ½ colher açúcar / 1 colher sal / 1 pacote fermento biológico seco.

Como se faz?

Preparo do purê: Cortar a abóbora em cubos, colocar de 3 a 4 min no microondas ou cozinhar com o

mínimo de água na panela até amolecer, pode colocar no liquidificador pra ficar mais liso ou só amassar no garfo, ambos dão certo e ficam ótimos!

Em uma tigela, misturar as farinhas, acrescentar o fermento, açúcar e a água.

Em seguida, o óleo, o purê e por último o sal.

Misturar até onde for possível na colher e em seguida dispor na bancada, sovar por 10 minutos.

Deixar descansar por 1h.

Abrir a massa, sovar mais uns minutos e modelar, pode ser um grande ou vários pequenos. Caso modele em bolinhas pequenas, deixar as “dobras” para baixo

Colocar em forma untada e enfarinhada, descansar 30 minutos e antes de colocar no forno pincelar uma gema sobre eles (opcional).

Forno pré aquecido, 200 graus, 30 minutos ou até corar em cima.

Tirar do forno, esperar esfriar um pouco e ser muito feliz!

Adquira já seu título!!

99987.8666

lagoacountryclub.com.br

ADVOCACIA
OAB/RS:35170

Viviane Siqueira da Silva

ASSESSORIA JURÍDICA

51.99967.4042

51.3681.3177 / 3681.4476

Rua João Neves, 211 - ao lado da Prefeitura
Rua Jorge Moisés Gil - ao lado do Banrisul

A luta da sobrevivência em pleno século XXI

Em tempos de Pandemia no Brasil

Que coisa, estamos inseridos em um cenário de filme catastrófico hollywoodiano. Porém nossa produção é de baixo custo, o roteirista fugiu, o diretor esta perdido, e os atores inventam seus próprios atos e falas. Seria cômico se não fosse trágico. Tudo que falei até agora foi “piada”, mas não minimiza nossa realidade brasileira, ao contrário, à retrata. Vivemos um pós guerra diariamente. Onde não sabemos exato, contra quem lutamos, apenas que precisamos lutar.

Nossas armas são estratégias de como vencer mais um dia nessa dura realidade, vencer o medo de um vírus, o medo da fome, do desemprego, da desigualdade social. Não sabemos se choramos sobre nossos mortos ou se abrimos as portas dos nossos comércios. Há tempos não se via tamanho desespero. Infelizmente provamos da pior maneira, que deixar para resolver as coisas por ultimo, nunca dá certo.



Maiara Amaral - Filósofa

Frente a esta situação pandêmica que vivemos, pode-se observar que erramos como País, como sociedade, como nação. Nossa administração pública é uma vergonha, nossa população é desprovida de compaixão e empatia, mas sabe dizer “gratidão”! Nossa educação básica se dá através de canais abertos de televisão que procuram manter as pessoas presas à brigas e intrigas.

A educação pública, mais uma vez, foi banalizada e rebaixada, e infelizmente, muitas vezes por seus próprios representantes. A saúde corre desesperada para apagar incêndio com copo de água depois de ter sido ignorada. A economia manda fechar as portas, ninguém trabalha, precisamos evitar aglomeração! Mas as contas não param, coisas mínimas, gás, comida. Os impostos as prefeituras cobram, os governos cobram, e já se ouve o rugir do leão.

Este texto poderia ser uma crônica, se não fosse o desabafo de uma cidadã que caminha pelas ruas e vê uma mãe pedindo comida, pois há meses perdeu o emprego; foi demitida, pois o patrão dono de um restaurante, não podia mais pagar, aluguel e funcionários e os mantimentos se tornaram caros,

devido a subida astronômica da gasolina. Esse é só um exemplo. Crianças não recebem aulas, devido a aglomeração, devido a falta de computadores, devido a falta de internet nas vilas. Mas a classe alta, está com o ensino em dia, e estes poderão ingressar nas faculdades e garantir a segregação deste país “livre”, “laico”, politizado, democrático. Onde mais uma vez o pobre é colocado no lugar de onde não devia ter saído, segundo aqueles que não precisam se preocupar se tem água na torneira, pois a sua “espumante” já esta reservada para logo mais, enquanto se desestressa, dos males do mundo. A sociedade elitizada passou a se preocupar com o Covid, quando os hospitais particulares passaram a não ter leitos nem para aqueles que se cobriam de dinheiro, e ai o país até que enfim entrou em colapso, a doença chegou para a elite.

Mas se acalmem, vamos esperar um bom feriado, e tudo reabre, notícias de internações e mortes não são divulgadas. E sabe qual o grande problema? Não é o Covid, não é a direita ou a esquerda. É que nós pagamos para não nos incomodarmos, mesmo que esse preço seja a nossa própria vida, ou a vida daqueles que pensamos que amamos.

